

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**AS REGRAS DE CONVIVÊNCIA COMO METODOLOGIA DE ENSINO NA  
EDUCAÇÃO FÍSICA PARA SUPERAR A INDISCIPLINA ESCOLAR**

**LILIANE CRISPIM DE SOUZA SOARES**

**JOÃO PESSOA/PB  
2010**

LILIANE CRISPIM DE SOUZA SOARES

AS REGRAS DE CONVIVÊNCIA COMO METODOLOGIA DE ENSINO NA  
EDUCAÇÃO FÍSICA PARA SUPERAR A INDISCIPLINA ESCOLAR

**Monografia apresentada ao curso de  
Licenciatura em Educação Física do  
Centro de Ciências da Saúde da  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB,  
como exigência parcial para Obtenção do  
grau de Licenciado em Educação Física**

ORIENTADOR: Dr Pierre Normando Gomes da Silva

**JOÃO PESSOA  
2010**

S676r Soares, Liliane Crispim de Souza.

As Regras de convivência como metodologia de ensino na Educação Física para superar a indisciplina escolar/ Liliane Crispim de Souza Soares - - João Pessoa: [s.n.], 2011.

41 f.: il. -

Orientador: Pierre Normando Gomes da Silva.  
Monografia (Graduação) – UFPB/CCS.

1. Regras de Convivência. 2. Educação Física. 3. Indisciplina.

*BS/CCS/UFPB*

*CDU: 37.091.33-027.22:796(043.2)*

**LILIANE CRISPIM DE SOUZA SOARES**

**AS REGRAS DE CONVIVÊNCIA COMO METODOLOGIA DE ENSINO NA  
EDUCAÇÃO FÍSICA PARA SUPERAR A INDISCIPLINA ESCOLAR**

**Monografia apresentada ao curso de  
Licenciatura em Educação Física do  
Centro de Ciências da Saúde da  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB,  
como exigência parcial para Obtenção do  
grau de Licenciado em Educação Física**

Data de defesa: 13 de dezembro de 2010  
Resultado: 9,5

Banca Examinadora

Nome do orientador UFPB/CCS/DEF Prof. Dr. Pierre Normando Gomes da Silva

Nome do Membro da Banca IFPB Prof. Esp. Luis Eugênio Martiny

Nome do Membro da Banca UFPB/CCS/DEF Prof. Ms Hélia Siqueira Leite

*Dedico este trabalho à minha mãe  
Que me incentivou e apoiou  
Da melhor forma possível durante  
Toda a minha jornada acadêmica.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu sabedoria e discernimento para alcançar esta conquista.

A minha família, por todo apoio, carinho, por almejarem minha vitória junto comigo.

Aos amigos, Ana Raquel, Anne Carine, Jailson e Joselane pela disposição, por me encorajarem e por não desistirem de mim.

Aos amigos de curso: Mayara e Carlos Magno pelo companheirismo, cumplicidade e sem dúvida pela amizade consagrada no decorrer dessa caminhada.

À monitora Samara, pela sua prontidão e paciência que sempre se fez presente nos momentos que precisei.

Ao meu mestre e orientador, Pierre Normando, a quem sou eternamente grata pelo seu carinho e atenção. Sem sua dedicação esse trabalho não seria possível.

Enfim, a todos aqueles que estiveram presentes e que passaram por minha vida, conhecendo e partilhando comigo um pouco de tudo que vivi durante esses anos de curso.

*“Não se pode falar de educação sem amor”  
(Paulo Freire)*

## RESUMO

Este estudo é uma pesquisa documental de caráter qualitativo, realizada através de análise de conteúdo e teve o objetivo avaliar como as Regras de Convivência utilizadas nas aulas de Educação Física auxiliam na superação da indisciplina. Os documentos analisados foram 71 relatórios da Prática de Ensino em Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, referente aos dois períodos letivos do ano de 2009, nos quais estagiários vivenciaram em escolas públicas da grande João Pessoa - PB. Verificamos que dentre os 71 relatórios analisados apenas 56 aplicaram claramente a metodologia das Regras de Convivência. Classificamos os resultados de acordo com tipo de reforço, o suporte utilizado, o modelo de funcionamento, o período de construção e o tempo de aplicação da recompensa ou da disciplina. Com isso, concluímos que a Metodologia das Regras de Convivência é uma grande aliada na superação da indisciplina no ambiente escolar, pois ficou claro que o processo de ensino da Educação Física foi facilitado atuando como motivador e disciplinador da conduta durante as aulas. O sucesso desta metodologia é atribuído a uma série de fatores, tais como: aplicação de um sistema de reforço positivo recompensando-os por suas ações num curto intervalo de tempo após cumprimento do acordo firmado, elaborando-o com a participação dos alunos nos primeiros contatos com a turma e ainda, materializando e afixando o acordo feito em local que os alunos possam manter um contato visual freqüente. Desta forma, recomenda-se essa prática pedagógica para diminuir a indisciplina no meio escolar.

PALAVRAS CHAVE: 1. Regras de Convivência 2. Educação Física 3. Indisciplina

## ABSTRACT

This study is a qualitative desk research, conducted through content analysis and aimed to assess how the Rules of Coexistence used in Physical Education classes help to overcome of indiscipline. The documents examined were 71 reports of the Teaching's Practice in Physical Education, Federal University of Paraíba, referring to two academic periods of the year 2009, in which trainees experienced in public schools in João Pessoa - PB. We found that among the 71 reports analyzed only 56 clearly applied the methodology of the Rules for Living. We classified the results according to type of reinforcement, the material used, the model works, the construction period and time of application of reward or sanction. Thus, we concluded that the methodology of the Rules for Living is a great ally in overcoming of the indiscipline in schools, as it became clear that the process of teaching of the Physical Education was made easier by acting as a motivator and disciplinarian of conduct during the classes. The success of this approach is attributed to a number of factors, such as implementing a system of positive reinforcement, rewarding them for their actions in a short period of time after the completion of the agreement, developing it with the participation of students in first contacts with the class and still, materializing and posting the deal done in place that the students can maintain eye contact frequently. Thus, it is recommended that educational practice to reduce indiscipline in schools.

KEY WORDS: 1. Rules of Living 2. Physical Education 3. Indiscipline

## TABELAS

Tabela 1 - Tipo de reforço adotado .....	24
Tabela 2 - Tipo de suporte dado aos combinados.....	25
Tabela 3 - Modelo de funcionamento dos combinados.....	26
Tabela 4 - Período de construção dos combinados .....	27
Tabela 5 - Tempo de premiação .....	28
Tabela 6 - Tempo de aplicação da disciplina.....	29

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1.OBJETIVOS .....	14
1.1.1 Objetivo Geral .....	14
1.1.2 Objetivos Específicos .....	14
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	15
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	21
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	21
3.2 FONTES DA PESQUISA.....	21
3.3 COLETA DE DADOS .....	22
3.4 TÉCNICA DE ANÁLISE.....	22
<b>4 RESULTADOS</b> .....	23
4.1 TIPO DE REFORÇO .....	24
4.2 SUPORTE .....	25
4.3 MODELO DE FUNCIONAMENTO .....	25
4.4 PERÍODO DE CONSTRUÇÃO .....	27
4.5 TEMPO DE PREMIAÇÃO .....	28
4.6 TEMPO DE APLICAÇÃO DA DISCIPLINA .....	28
<b>5 DISCUSSÃO</b> .....	30
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	36
<b>7 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	38

## 1 INTRODUÇÃO

Este é um estudo sobre as Regras de Convivências construídas nas aulas de Educação Física pelos estagiários de Educação Física da UFPB nas escolas públicas durante o período de 2009.1 e 2009.2, objetivando superar a Indisciplina na Escola.

A Escola além de ser responsável pelos conteúdos da sua grade curricular também se responsabiliza por valores como cooperação, respeito e solidariedade, exigindo do docente os mais diversos mecanismos para intervir e resolver situações problemas durante o seu cotidiano. Essas intervenções devem ocorrer de forma favorável onde possa ser vista pelo aluno como medida educativa e não como autoritarismo ou imposição do professor.

A educação surge como uma necessidade da civilização para o processo de socialização. Por esse processo, os indivíduos são instituídos com a imposição da lei social à psique, tornando-se humanos. Ou com um conteúdo que podemos considerar de natureza humana. Essa ação educativa socializa, impõe regras de vivência coletiva, é realizada pelas diversas instâncias da sociedade, desde a família até a escola, imprimindo-se o valor da vida como um valor constitutivo do ser humano. (ITANI,1998, p.37-38)

A escola é uma instituição responsável pela formação integral do aluno, Sommer (2007) alerta que a escola não pode ser definida como um lugar de ensinar conteúdos, apenas, é também um lugar para aprender a comportar-se em sociedade. Nela se dá uma socialização mediada pelo aprendizado das regras de convivência.

A indisciplina pode ser conteúdo diário das escolas, seja apresentada de forma didática nas aulas ou em situações de conflitos surgidos nas relações aluno-aluno ou até mesmo aluno-professor.

Aquino (1998) afirma que não podemos eleger um aluno-problema como um obstáculo para o trabalho pedagógico, pois a categoria dos professores pode cometer um grande equívoco: não se pode responsabilizar nossos alunos pelas dificuldades e contratemplos de nosso trabalho. Assim não podemos determinar que o aluno é ou não indisciplinado sem rever o método utilizado nas salas de aulas, e entender melhor a realidade dos nossos alunos.

A noção de violência está sempre relacionada a uma referência externa. Ela é comumente representada por atos exercidos pelos outros ou por fatos externos, do lado de fora de nossas casas, escolas, como nas ruas, na periferia das cidades e entre os cidadãos econômica e culturalmente marginalizados. Pretendemos que a violência esteja distante de nós. Contudo, há representações da violência presentes em nosso imaginário e materializadas por nossas decisões nos espaços de vida. (ITANI, 1998, p. 37).

A alternativa de se contornar situações-problema relacionadas à indisciplina nas aulas de Educação Física, surge como uma metodologia que utiliza as Regras de Convivência como principal subsídio para diminuir ou amenizar estes conflitos.

Segundo Gomes-da-Silva(2009), durante a prática de ensino em Educação Física os estagiários do curso, passam por todo um processo até chegar às aulas-laboratório, que são as aulas ministradas pelo os mesmos três vezes por semana. Na prática de Ensino os alunos do 6º período do curso são divididos em grupos de quatro pessoas, com a supervisão de professores do departamento de Educação Física, monitores, professores da rede de ensino comprometidos com o processo, esses grupos são distribuídos em escolas escolhidas pelo coordenador da disciplina, escolas essas que possam oferecer condições mínimas de funcionamento do estágio. Passado por esta fase os estagiários se encaminham até a escola, onde antes de ministrar aulas (Aulas-laboratório), passam por todo um processo onde há aplicação do questionário temático para saber a realidade da escola, entrevista com os alunos para ter uma visão global da realidade dos alunos, reflexões diversas entre elas, a reflexão metodológica na qual se escolhe qual metodologia seguir: Corpo-Inteiro (FREIRE, 2003); Crítico-Superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1993); Desenvolvimentista (GALLAUE; OZMUN, 2003; GALLAUE; DONNELLY, 2008) ou Psicocinética (LE BOULCH, 2008).

Adotando uma política do respeito às regras e não ao medo da punição, os estagiários constroem junto aos alunos um contrato pedagógico, que é denominado de “combinados”, antes de se iniciar as aulas-laboratório para facilitar a convivência na sala de aula e esclarecer regras que muitas vezes estão implícitas que orientam o funcionamento da sala de aula e precisam ser explicitadas e compartilhadas por todos os envolvidos.

Segundo Gomes-da-Silva (2009), o objetivo da Prática de Ensino em Educação Física realizada sob a forma de Estágio Supervisionado, é que possibilite tornar seus alunos em professores-reflexivos, em que durante toda a prática de ensino há momentos de reflexões sobre a prática educativa vivenciada nas escolas. Essas estratégias foram descritas em três classes de reflexão:

- a) Reflexão Ontológica: Nela o estagiário redige dois textos, um sobre sua história de vida e outro sua história de formação escolar, onde são denominados de Memorial e Narrativa de Formação.
- b) Reflexão Epistemológica: Nesta busca conhecer a escola e seu funcionamento, e também a turma, e por último definir qual o processo educativo será adotado. Para a análise da escola é aplicado um questionário temático, e para conhecer a turma há duas possibilidades, um questionário ou entrevista coletiva e ainda uma avaliação de conteúdos da Educação Física para que assim possa ser adotada uma proposta pedagógica.
- c) Reflexão Metodológica: Aqui é a análise do estagiário na sua prática educativa onde o auxilia a tomar consciência das suas próprias ações. Isso é feito através da avaliação formativa, que há uma série de estratégias: Aulas-laboratório, observação participante, seminário temático, grupo focal, vídeo etnográfico e sessão reflexiva, baseados nas recomendações de pesquisa qualitativa.

O fim da disciplina de Prática de Ensino é aliar a produção do conhecimento à formação pedagógica. Isso acontece a medida em que o estagiário, com sua ação docente, é sujeito e objeto da investigação científica, ao mesmo tempo. Seu objeto de estudo se circunscreve ao tempo-espaço do seu próprio fazer pedagógico, durante o estágio supervisionado (GOMES-DA-SILVA, 2009, p. 108).

Aquino (1998) alerta que jamais deve se iniciar um ano letivo ou um curso sem essas regras de funcionamento, a construção destes combinados facilita o convívio entre professor e alunos, e atua de forma preventiva nos conflitos surgidos durante as aulas. As situações problemas são medidas eficazes para os docentes em casos de indisciplina e violência ocorridos durante as aulas. E é imprescindível que haja uma fidelidade deste contrato

pedagógico para que assim se tenha clareza da tarefa do professor em sala de aula para que o aluno possa ter clareza da sua também.

Diante do exposto, definimos a seguinte questão problema: Como as Regras de Convivência (combinados) utilizadas por estagiários em sua Prática de Ensino nas aulas de Educação Física podem auxiliar na superação da violência ou/e da indisciplina nas aulas?

## 1.1. OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

Analisar como as Regras de Convivência (combinados) utilizados nas aulas de Educação Física auxiliam na superação da indisciplina escolar no estágio supervisionado no ano de 2009.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- a) Descrever os modelos de combinados propostos pelos estagiários de EF no período de 2009 em relação à realidade escolar enfrentada;
- b) Classificar os resultados obtidos em categorias de aplicação dos combinados;
- c) Avaliar os combinados como estratégias de disciplinamento escolar que produziram melhores resultados.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Há uma preocupação escolar, bastante antiga, em entender qual a melhor forma de disciplinar uma criança, mas para Betelheim (1987), essa é uma discussão que primeiro temos que considerar o significado da palavra “Disciplina”. Pois para ele a idéia mais presente nos dicionários é a de instrução. Assim, para haver disciplina é necessário que neste processo haja a figura do disciplinador ou professor, e a do discípulo ou aluno. Deste modo, também é necessário que alguma instrução (aprendizagem) seja transmitida para alguém seguir.

Portanto parece que o meio melhor e mais fácil de se tornar senhor de uma disciplina é ser primeiramente, e durante um certo tempo, o discípulo de alguém que na realidade dominou essa disciplina. (BETELHEIM, 1987, p. 85)

Betelheim (1987) deixa claro que a disciplina não pode ser imposta à alguém a força. A melhor forma de inserir ou transmitir a disciplina para alguém é ser admirado pelo seu discípulo, pelo seu aluno. Um professor que tem a admiração dos seus alunos consegue ter uma turma disciplinada.

Um professor para conseguir uma turma disciplinada ele precisa acima de tudo ser um líder, para que assim a turma se sinta segura e ainda respeitem e amem a figura do professor.

As pessoas precisam de liderança para se firmar, para se apoiar e, até para ter a quem acusar dos mal-feitos e dos desacertos, mas, fundamentalmente elas precisam de uma liderança para amar e depositar seus ideais (DIAS, 2007, p. 94).

Deste modo há necessidade de nos tornemos bons líderes no exercício da docência e a partir daí tenhamos a “capacidade de recordar a nossos próprios dias de indisciplina para nos permitir suportar bem as investidas do comportamento indisciplinado dos nossos alunos” Goethe (apud BETELHEIM 1987).

O professor deve saber bem seu papel frente à Educação, pois dependendo da sua postura em sala de aula pode desencadear uma situação de fracasso escolar e ser alvo de uma visão negativa dos seus alunos na sua vida docente. Um professor com uma imagem negativa para uma turma, está numa condição que esta visão certamente irá refletir nas suas aulas.

As imagens do professor e da escola são fontes de angústias e conflitos para os alunos, pois a adaptação bem sucedida às aulas, ao currículo e às normas escolares é baseada na repressão do desejo, no controle do corpo e na submissão intelectual e moral à autoridade educativa (FERREIRA, 2007, p. 124).

Assim, não podemos descartar a possibilidade da indisciplina na escola ser algo pedagógico. Pois alunos indisciplinados não são necessariamente alunos violentos ou de conduta agressiva no ambiente escolar.

A ingenuidade pedagógica e o paradoxo escolar é querer educar contra a agressividade e a favor da disciplina, pois a disciplinização também se baseia em formas de violência: a violência simbólica (social e cultural) e a violência da frustração constante do desejo ( FERREIRA, 2007 p. 122).

Considerando essa possibilidade, temos que ser cautelosos com a busca pela disciplina no ambiente escolar, e também com os meios utilizados, pois as possíveis conseqüências deste artifício pedagógico podem não apenas a disciplina da turma. E ainda poder afirmar que “a indisciplina no meio é escolar é pedagógica” (FERREIRA, 2007).

A indisciplina na escola pode também omitir questões culturais, Gonzaga (2010), afirma que não é possível tratar a indisciplina sem discutir uma ordem culturalmente definida. Assim precisamos entender e reconhecer a indisciplina no ambiente escolar. As diversas situações de indisciplina devem ser conceituadas com cautela, associar a indisciplina ao interesse dos alunos pode ser precipitado. E o problema da indisciplina dentro do ambiente escolar, pode não estar relacionado a postura do aluno, e sim muitas vezes a metodologia utilizada dentro das salas de aula.

Para Aquino (1998), há três hipóteses explicativas que são empregadas usualmente e reiteram falsos conceitos em relação à indisciplina e a conduta dos alunos.

A primeira hipótese para Aquino (1998) é a do aluno desrespeitador, que o autor conduz a seguinte reflexão, o respeito ao professor não pode advir do medo da punição como era nas escolas no passado. O professor não é mais encarregado de distribuir e fazer cumprir ordens disciplinares, e o bom aluno não necessariamente é aquele calado, imóvel e obediente. Apesar de que as

escolas atuais ainda têm um funcionamento parecido com as escolas do passado.

A segunda hipótese apresentada por Aquino (1998), é a do aluno “sem limites”, onde erroneamente a permissibilidade dos pais em casa cria obstáculos para o professor em sala de aula. E os professores acabam se colocando no papel de pai do aluno, deixando de lado sua função de docente e acabam colocando como tarefa principal a normatização moral dos hábitos da criança e do adolescente.

Já a terceira hipótese segundo Aquino (1998) é do aluno “desinteressado”, em que não é o aluno que é desinteressado, ao contrário é preciso que o professor reveja seu método de ensino, pois ele é que acaba sendo pouco motivante para os alunos.

Dentre outras, a indisciplina também é associada a agressividade. FERREIRA (2007), afirma que agressividade é considerada como predisposição psicológica e uma aptidão física que faz da condição humana e da sua sobrevivência natural. Mas o autor deixa claro que a agressividade não implica sempre na violência, com recorrente caráter destrutivo, como atributo da personalidade individual ou social.

Considerando a possibilidades de que a agressividade pode ser algo cultural da criança e não uma expressão de violência, não podemos entender a disciplina como a anulação da agressividade, ou seja, a anulação do livre desenvolvimento da criança. Desta forma, há necessidade de pensarmos em uma metodologia que ensine o conviver com as diferenças é o que afirma Freire (2007, p. 60), “[...] é preciso então praticar uma pedagogia que ensine o exercício de conviver com as diferenças. Tolerar quer dizer admitir, aceitar aquilo que o outro tem de diferente do que fazemos ou do que pensamos”.

Concordando com este pensamento acima, Gomes-da-Silva (2007, p. 65) reitera o discurso e afirma “vivemos num tempo cheio de conflitos. Violência, impaciência de um para com o outro e para consigo mesmo. Desenlaces afetivos, incapacidade de conviver com o diferente”.

Em comum nos discursos temos uma proposta de uma prática educativa que discipline e ao mesmo tempo seja tolerante com as diferenças, em que o professor reconheça na turma uma heterogeneidade nos seus alunos.

Quando falamos de uma cultura das diferenças, o que inclui a convivência de pessoas diferentes, com idéias e comportamentos diferentes, incluímos aí o conflito e a tolerância. Isso não quer dizer que aqueles que defendem tal convívio não suponham que os diferentes não sejam também semelhantes. Somos todos semelhantes e isso é indiscutível, na medida em que somos humanos (FREIRE, 2007, p. 59).

Se tratando em Metodologia de Ensino, as diferenças podem estar ligada à situações de conflitos, “aprender a conviver com os iguais é fácil, mas com os diferentes é um desafio” (GOMES-DA-SILVA, 2007, p. 66). Se entendermos os conflitos como produtor de possibilidades aí estaria o desejável e facilitador no processo educativo.

Aquino (1998), sugere algumas Premissas Pedagógicas Fundamentais: *O conhecimento*, que é o objeto exclusivo da ação do professor. O campo de atuação é essencialmente pedagógico. *A relação professor-aluno*, que é o núcleo do trabalho pedagógico. O aluno é parceiro e co-responsável pelo sucesso escolar, desde que seja preservada a distinção entre os papéis de aluno e professor. *A sala de aula*, contexto privilegiado para o trabalho, onde a educação escolar acontece de fato. Local onde os conflitos devem ser administrados e gerenciados. *O contrato pedagógico*, proposta de regras de convivência, onde orientam o funcionamento da aula. Regras estas que precisam ser explicitadas, conhecidas e compartilhadas para todos os envolvidos.

Neste estudo vamos dar mais ênfase a este último, o contrato pedagógico. Nele é onde o professor discute com seus alunos as Regras que permearão as aulas, com o objetivo de melhorar a convivência entre os alunos e conseqüentemente facilitar o processo de ensino. Mas temos que ter cuidado na construção deste contrato.

[...] não há convivência sem leis. As leis, constituídas sob formas de normas positivas ou princípios morais, são determinantes nas relações de convivência à medida que elas definem os limites de como devemos agir em relação aos outros (CAMINHA, 2007, p. 165).

Estas regras de convivência adotadas no contrato pedagógico deve ser apresentado com cautela para os alunos. Não causando nenhuma forma de dano ou transtorno para a turma.

[...]é preciso que as leis sejam desejáveis para que elas possam ter sentido para o sujeito que age. Assim, não podemos educar apenas exigindo o cumprimento de normas sem levar em consideração o bem estar psicológico dos alunos (CAMINHA, 2007, p.165).

Se no ambiente escolar a convivência entre os sujeitos envolvidos é harmoniosa e respeitada, no qual o aluno possa sentir prazer na escola questões de indisciplina e violência podem se tornar cada vez mais raro. Assim afirma Charlot apud Ferreira (2007, p. 137) “[...] é bem raro encontrar alunos violentos entre os que acham sentido e prazer na escola [...]”.

Resgatar o respeito e a confiança dos alunos nas aulas não é uma tarefa fácil, e a indisciplina está sendo apresentada cada vez mais freqüente nas escolas, mas a Regras de Convivência, se adotadas de forma correta podem ser um grande aliado na resolução destes conflitos.

Aprender a conviver não significa simplesmente adquirir regras de convivência e, deste modo, ser absorvido pelas estruturas normativas da sociedade. A convivência, enquanto saber, que nos permite construir uma familiaridade com o outro, exige o exercício da capacidade de agir como sujeito de ações morais, que, necessariamente, nos obriga a respeitar a dignidade do outro (CAMINHA, 2007, p. 166).

Essa convivência deve ser harmoniosa e a educação deve ser prazerosa tanto para o educador quanto para o aluno. Freire (2007) afirma que “a educação deveria ser feita de um jeito que, o que quer que fosse ensinado, seria para viver melhor, para usufruir desse privilégio de que dispomos, que é estar vivos” (p. 50).

É notório que se aplicarmos uma metodologia que ensinem nossos alunos conviverem em sociedade respeitando uns aos outros, estaremos também contribuindo para diminuição da indisciplina no ambiente escolar. Neste contexto utilizar ferramentas que incentivem os alunos durante o processo de ensino é um grande aliado nas questões de indisciplina, pois para Eccheli (2008), “conseguir que os alunos se sintam motivados para aprender é

o primeiro passo para a prevenção da indisciplina, e um grande desafio para o professor e a escola” (p. 201).

Utilizar a democracia no processo de formação e/ou construção das Regras de Convivência seria uma maneira de excluir ou fugir de uma pedagogia repressiva que possa incentivar a indisciplina. Pois Ferreira (2007 p. 135) afirma que “o recurso à democracia como referência para a ação educativa minimizaria essa recorrência excessiva à repressão como pedagogia da autoridade externa”.

Fazer os alunos entenderem que apesar das Regras de Convivência os fazem renunciarem algo, elas (as regras) também farão um benefício maior na organização e na convivência na escola. E desta forma pode aí surgir o primeiro conflito na construção dos Combinados. Mas Caminha (2007, p. 172) reitera que “a educação pode cooperar para que o indivíduo aprenda a renunciar ao prazer momentâneo e substituí-lo pelo prazer ordenado pela disciplina da lei”.

Há alternativas pedagógicas para os alunos serem estimulados ou não a realizar determinadas ações. Segundo Lilla (2009) na teoria Behaviorista dos Reforços, o reforço é um estímulo que fortalece ou enfraquece determinado comportamento. E estes reforços podem ser Positivos; onde o indivíduo é premiado por sua ação e estimulado a continuar realizando determinado comportamento, ou pode ser Negativo, em que ocorre o inverso, o professor utiliza de alternativas que desestime o aluno a realizar determinada ação ou comportamento. Através destas ferramentas o professor pode facilitar ou dificultar o processo de adaptação as regras no ambiente escolar.

Para os professores situações de conflitos na adaptação ao processo de cumprimento das Regras podem ocorrer, mas com a convivência Ferreira (2007), afirma que os nossos alunos aprendem a respeitar as regras sociais, e também desenvolvem formas de se desviar ou se protegerem do rigor excessivo dessas regras a partir das experiências escolares.

Mediante o exposto, buscamos descrever e avaliar de que forma a metodologia das Regras de Convivência pode contribuir para o sucesso para a superação da indisciplina escolar.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta é uma pesquisa Qualitativa Documental, com uma análise de conteúdo em que a fonte desta análise foram 71 relatórios da Prática de Ensino dos alunos do 6º período no ano de 2009, na UFPB.

Estes relatórios são as descrições interpretativas dos alunos-estagiários durante as suas vivências nas Escolas, que apesar de estarem divididos em grupos focais, estes relatórios foram produzidos individualmente pelos os estagiários. Foram analisados os relatórios referentes aos dois períodos existentes no ano de 2009 (2009.1 e 2009.2).

Assim da dificuldade encontrada pelos Estagiários em ministrar as aulas de Educação Física surgiu como necessidade da aplicação da Regras de Convivência (Combinados). Nesta pesquisa busca-se avaliar como estas regras podem auxiliar na superação da indisciplina nas aulas de Educação Física.

#### 3.2 FONTES DA PESQUISA

As fontes da pesquisa foram os relatórios entregues por Estagiários do 6º Período do ano de 2009 da UFPB (Universidade Federal da Paraíba), na disciplina Prática de Ensino em Educação Física, em seu Estágio Supervisionado. Estes relatórios somam um total de 71 documentos, produzidos durante os 2 períodos do ano de 2009 (2009.1 e 2009.2). No 1º período do ano de 2009 temos 26 relatórios, sendo 8 produzidos por estagiários do sexo masculino e 18 do sexo feminino, e no 2º período do mesmo ano temos 45 relatórios, sendo 27 produzidos por estagiários do sexo masculino e 18 do sexo feminino.

A escolha desses documentos partiu da iniciativa em realizar uma pesquisa com dados atuais, que possibilitassem investigar a metodologia dos combinados na Prática de Ensino em Educação Física, e o período entendido como mais oportuno para pesquisa seria o de 2009.

### 3.3 COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados a partir dos relatórios entregues ao final do seu respectivo período. Relatórios que contém dados das descrições interpretativas das vivências da Disciplina Prática de Ensino realizada em escolas públicas da grande João Pessoa.

Esta pesquisa levou em consideração princípios éticos, havendo respeito à forma como os discursos foram escritos, sem citações de nomes dos entrevistados, ou fazendo uso de nomes fictícios. Utilizando-se da imparcialidade na avaliação dos documentos.

### 3.4 TÉCNICA DE ANÁLISE

A técnica de análise utilizada neste estudo foi de análise de conteúdo dos Relatórios dos Estagiários do ano de 2009 da Prática de Ensino em Educação Física, documento digital enviado na forma de PDF ao coordenador da disciplina ao final do período de estágio. Pois através desta análise foi possível identificar e descrever os modelos de combinados aplicados no ano de 2009, classificá-los de acordo com sua aplicação e ainda analisá-los quais as estratégia que obtiveram os melhores resultados em relação a diminuição da indisciplina.

## 4 RESULTADOS

Observamos que dos 71 relatórios analisados, apenas 56 foram possíveis identificar as abordagens adotadas como iremos expor a seguir, e também iremos fazer uso dos discursos dos sujeitos encontrados nos documentos desta pesquisa, mas para preservar e respeitar a identidade dos sujeitos iremos demonstrar da seguinte forma:

### a) Educação Física de Corpo Inteiro

Foram encontrados 41 relatórios em que esta foi a Proposta Pedagógica adotada, sendo 18 do sexo masculino e 23 do sexo feminino. Iremos nos referir a estes sujeitos em seus discursos, do número 1 ao 41, e em caso do sujeito for do sexo feminino irá receber a letra “a” ao lado do número do sujeito, ex: sujeito 3 ou sujeito 4a;

### b) Educação Física Crítico Superadora

Foram encontrados 12 relatórios em que esta Proposta Pedagógica foi adotada, sendo 8 do sexo masculino e 4 do sexo feminino. Iremos nos referir a estes sujeitos em seus discursos, dos números 42 ao 53, e em caso do sujeito for do sexo feminino irá receber a letra “a” ao lado do número do sujeito, ex: sujeito 54 ou sujeito 66a;

### c) Educação Física Desenvolvimentista

Foram encontrados 2 relatórios em que esta Proposta Pedagógica foi adotada, sendo todos os sujeitos do sexo masculino. Iremos nos referir a estes sujeitos com os números 54 e 55;

### d) Educação Física Psicocinética

Foi encontrado apenas um relatório em que esta foi a Proposta Pedagógica adotada, sendo que este sujeito é do sexo feminino. Iremos nos referir a este sujeito com o número 56a.

Para demonstrar melhor como serão relacionados os sujeitos com as Propostas Pedagógicas adotadas observa-se o quadro a seguir:

<b>Proposta Pedagógica</b>	Corpo Inteiro	Crítico Superadora	Desenvolvimentista	Psicocinética
<b>Número do sujeito</b>	1 ao 41	42 ao 53	54 e 55	56

Quadro 1: Proposta pedagógica x sujeitos

Obs: Lembrando em caso do sujeito for do sexo feminino será adicionado a letra “a” ao lado do número do sujeito.

Os demais resultados encontrados neste estudo foram divididos em classes e serão apresentados a seguir:

#### 4.1 TIPO DE REFORÇO

Nos relatórios analisados observamos que as regras de convivência foram aplicadas num sistema de Reforço Positivo ou Reforço Negativo e ainda houve 15 casos que os alunos optaram por não aplicar esta metodologia, ou ainda não foi possível identificar se alunos aplicaram ou não esta metodologia. Neste caso, temos um total de 56 relatórios analisados e classificados quanto ao seu tipo de Reforço:

**Tabela 1 - Tipo de reforço adotado**

TIPO DE REFORÇO	INCIDÊNCIA NOS DISCURSOS	%
REFORÇO POSITIVO	32	57
REFORÇO NEGATIVO	24	43
<b>TOTAL</b>	<b>56</b>	<b>100</b>

Nesta tabela podemos observar que durante o ano de 2009 durante o Estágio Supervisionado, houve uma predominância do Reforço Positivo com 57% nos relatórios analisados, enquanto que o Reforço Negativo esteve presente em 43% dos documentos.

Esteve presente o mínimo possível da negativa, há uma teoria que diz que a criança recebe tanto não quando pequena que chega um momento que nosso cérebro ignora o NÃO e assimila o resto da frase.(SUJEITO 45a)

## 4.2 SUPORTE

O que denominamos de suporte é a forma como as regras de convivência foram apresentadas aos alunos pelos estagiários. Alguns optaram por materializá-lo de alguma forma, outros não, deram ênfase apenas a um acordo verbal entre os alunos. Dos relatórios analisados, tivemos os seguintes resultados:

**Tabela 2 - Tipo de suporte dado aos combinados**

SUPORTE		INCIDÊNCIA NOS DISCURSOS	%
MATERIALIZOU	Afixado	36	64
	Não-afixado	5	09
NÃO MATERIALIZOU		15	27
<b>TOTAL</b>		<b>56</b>	<b>100</b>

Na tabela, observa-se que 73% dos estagiários optaram por materializar os seus acordos de convivência, e estes se dividem em 64% que decidiram afixar estes combinados em algum lugar da escola, seja na própria sala de aula ou na área destinada para prática da Educação Física, e 9% que optou por materializar os combinados, porém decidiram não afixar estes em lugar algum, mantinham consigo e apresentavam durante as aulas de forma Manual, ou com auxílio dos colegas de grupo no estágio. Já 27% dos estagiários optaram por apenas um acordo verbal entre professor e aluno sem a necessidade de materializar este contrato.

Estes foram os nossos combinados, e na outra semana levei um cartaz para deixar na sala fazendo com que eles lembrem o que combinamos sobre as aulas. (SUJEITO 44a )

## 4.3 MODELO DE FUNCIONAMENTO

Das 41 regras de convivência que foram materializadas, 36 de forma afixada e 9 de forma não-afixada, foram apresentados nos seguintes modelos:

Tabela 3 - Modelo de funcionamento dos combinados

MODELO DE FUNCIONAMENTO	INCIDÊNCIA NOS DISCURSOS	%
EXPOSIÇÃO SIMPLES	14	34
SISTEMA DE PONTOS	11	27
CAMPEONATO	9	22
JOGOS DE TABULEIRO	4	10
MOEDA DE TROCA	3	07
<b>TOTAL</b>	<b>41</b>	<b>100</b>

Os modelos de funcionamento citados na tabela anterior são relacionados a forma como os combinados foram materializados. Podemos encontrar nos documentos analisados os seguintes modelos:

- a) **Exposição Simples:** esteve presente em 34% dos documentos analisados. Este modelo é caracterizado pela simples exposição de um cartaz com os direitos e deveres dos alunos, era comum sua utilização no reforço negativo, pois os alunos que não cumprissem os seus deveres seriam aplicadas as sanções de acordos com as sanções pré-definidas;
- b) **Sistema de pontos:** com 0,27% de incidência. Neste sistema o aluno era pontuado de alguma forma pelo seu comportamento nas aulas, em caso do reforço positivo, era materializado numa cartolina com os nomes dos alunos e na maioria das vezes recebiam estrelinhas ou outro tipo de pontuação ao lado dos seus nomes pelo cumprimento dos combinados. Houve casos em que os meninos recebiam o desenho de uma bola de futebol e as meninas de uma flor ao lado de seu nome. Em caso de Reforço Negativo, esse sistema era utilizado para pontuar o descumprimento dos combinados, na soma de 5 cartões vermelhos era aplicado a sanção pré-determinada nos combinados;
- c) **Campeonato:** Com 22% nas incidências este modelo ocupou o 3º lugar nos sistemas apresentados. Nele o estagiário criou um tipo de Premiação (reforço positivo) para os alunos que mais cumprissem os combinados durante certo período, neste caso só era premiado um aluno ou uma parcela da turma, no caso os alunos que mais se destacassem;

O combinado ganhou nome de “Campeonato dos combinados” e a cada dia o aluno que cumprisse com todos os combinados ganharia uma estrela assim como os clubes ganham uma estrela ao conquistarem um campeonato, ao término do estágio, o aluno com mais estrelas receberá uma premiação. (SUJEITO 1a)

- d) **Jogos de Tabuleiro:** Presente em 10% nos documentos analisados. Neste os alunos eram representados de diversas formas, e vivenciavam um Jogo de Tabuleiro em comum tinham um caminho a percorrer desenhado numa Cartolina. Eles avançavam pelo caminho de acordo com suas ações, houve casos em que os alunos só avançavam pelo caminho se a turma avançasse junto ou a maioria da turma e assim os estagiários tinham objetivo de incentivar a cooperação entre os alunos, ao final do jogo os alunos recebiam uma recompensa (reforço positivo), como motivação para suas ações;
- e) **Sistema de moeda de troca:** Os alunos com comportamento positivo, ganhavam moedas, reforçando positivamente suas ações e depois de certo período eles trocavam por algo. Alguns recebiam algo que simbolizasse uma moeda e trocavam por brinquedos (momentaneamente) no dia de festividades na escola, e em outros casos, trocavam por materiais diversos nas aulas de Educação Física no dia determinado pelo professor..

#### 4.4 PERÍODO DE CONSTRUÇÃO

Período de construção refere-se ao momento que os estagiários decidiram organizar e por em prática as Regras de Convivência em suas aulas.

**Tabela 4 - Período de construção dos combinados**

<b>TEMPO DE CONSTRUÇÃO</b>	<b>INCIDÊNCIA NOS DISCURSOS</b>	<b>%</b>
INÍCIO DAS AULAS	53	95
DURANTE AS AULAS	3	05
<b>TOTAL</b>	<b>56</b>	<b>100</b>

Na tabela podemos observar que os Combinados foram construídos em dois momentos. A maioria dos estagiários, 95% optou por construir os Acordos logo no início das suas aulas nos primeiros contatos com os alunos. Já outra

parte dos estagiários, 5% optou por construir os Combinados no decorrer das aulas.

Os combinados foram construídos no dia da aula avaliativa, essa aula foi menor que as outras e ele serviu para que eles avaliassem o que não ocorreu bem na aula, o porquê, para assim construirmos os combinados. (SUJEITO 28)

#### 4.5 TEMPO DE PREMIAÇÃO

Tempo de premiação é o período desde o cumprimento do Combinado até o momento em que o aluno é premiado reforçado positivamente por ter realizado sua tarefa com sucesso.

**Tabela 5 - Tempo de premiação**

TEMPO DE PREMIAÇÃO	INCIDÊNCIA NOS DISCURSOS	%
AO FINAL DA AULA	14	44
AO FINAL DA SEMANA	9	28
AO FINAL DO ESTÁGIO	5	15
IMEDIATA	4	13
<b>TOTAL</b>	<b>32</b>	<b>100</b>

Na tabela podemos observar que a maioria dos estagiários optou por Reforçar positivamente a conduta de seus alunos no *Final de cada aula* (44%), logo em seguida no segundo lugar na incidência dos discursos está o reforço positivo dado *ao Final da semana* (28%), depois destes o reforço dado *ao Final do Estágio* (15%) e por último a reforço positivo dado *Imediatamente* após a ação do aluno (13%) este é um dos modelos de combinados que era comum o reforço em forma de elogio a ação do aluno.

Toda sexta-feira, os alunos que obtiveram um bom comportamento durante a semana, ganham uma figurinha. (SUJEITO 5a)

#### 4.6 TEMPO DE APLICAÇÃO DA DISCIPLINA

Tempo de aplicação da sanção é o intervalo de tempo entre o momento em que o aluno descumpra algum item dos Combinados até o momento que ele é aplicado a Disciplina de alguma forma de acordo com os Combinados.

Tabela 6 - Tempo de aplicação da disciplina

APLICAÇÃO DA SANÇÃO	INCIDÊNCIA NOS DISCURSOS	%
Imediata	23	96
Acúmulo de pontos	1	4
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>	<b>100</b>

Nesta tabela podemos observar duas situações, a primeira onde a maioria dos estagiários optou por dar uma *sanção imediata* (96%), onde o aluno que fizesse algo que descumprisse o acordo seria sancionado imediatamente ficando fora da aula por alguns instantes ou em caso de incidência na mesma aula ficaria fora o restante da aula. E o *Sistema de Acúmulo de Pontos* (4%), no qual o aluno que atingisse um determinado número de pontos negativos seria Impedido de Participar das aulas de Educação Física.

Para quem infringisse o que estava previsto nos combinados, haveria uma punição de 5 minutos de castigo, sentado sem poder participar de nada ou então teria que subir para fazer alguma cópia, coisa que dificilmente algum aluno iria preferir. (SUJEITO 6)

## 5 DISCUSSÃO

Iniciamos esta discussão lembrando que a Escola e, sobretudo a sala de aula é um espaço de convivência, o qual acima de tudo é necessário aprender a conviver e respeitar o próximo. Para esta convivência os professores utilizam alguns artifícios para facilitar as relações dentro das aulas, e entre eles as Regras de Convivência ou combinados aqui discutidos. Estas regras criadas nas aulas de Educação Física são uma espécie de “lei”, que precisam ser respeitadas no decorrer das aulas.

As leis, constituídas sob a forma de normas positivas ou de princípios morais, são determinantes nas relações de convivência à medida que elas definem os limites de como devemos agir em relação aos outros (CAMINHA, 2007, p. 165).

É necessário que por parte do professor se tenha um cuidado na criação destes “Combinados”, pois é preciso que estas regras sejam desejáveis para que possam ter sentido para quem a cumpri, e ainda devem ser vistas pelos alunos, não apenas como normas que eles devem cumprir e sim como um acordo entre professor e aluno que seja levado em consideração o bem-estar psicológico dos alunos. Além disso, Eccheli (2008) alerta para o risco de comportamentos que se vincula ao recebimento de recompensas ou fuga de punições, pois pode ser que no futuro na ausência dessas “mercadorias”, esses comportamentos positivos possam não voltar a ocorrer.

As regras devem ter o objetivo principal de facilitar a convivência nas aulas, e não enaltecer a autoridade do professor sobre os alunos e tornar a aula atraente de alguma forma. Pois para Gomes-da-Silva (2007 p. 66), “estamos vivendo uma exaustão social: fora, o medo internacional do terrorismo; dentro, o pavor da violência urbana. Isso nos sinaliza que o desafio atual é: aprender a conviver”.

Partindo deste conceito, a convivência na escola, na criação das Regras de Convivência notou-se que a maior parcela dos sujeitos desta pesquisa se preocupou em criar Regras ou Leis junto aos alunos de forma democrática. E ainda percebemos que enquanto a preocupação em materializar este acordo foi concretizado em sua maioria por do sexo feminino, em que houve uma preocupação maior nos detalhes, sobretudo nas formas de Reforço Positivo.

Na tentativa de facilitar a convivência e também o processo de ensino, podemos afirmar que os sujeitos envolvidos na pesquisa conquistaram o sucesso, alguns com mais facilidade outros com mais dificuldade.

Facilitar a convivência deve ser foco na criação das Regras e, sobretudo precisamos entender um pouco sobre o que é conviver. Freire (2007, p. 49) afirma que, “conviver é viver junto, no sentido, não só de estar perto, de estar ao lado de alguém, mas de compartilhar algo da vida, de realizar alguma coisa junto com alguém”.

Para a maioria dos estagiários o principal desafio durante as aulas eram as situações de indisciplina, ou de violência entre os alunos e até atitudes agressivas. Eram nestas situações onde se aplicavam as “punições” ou “sanções” pré-estabelecidas na construção dos combinados. Eram também por estas situações que os alunos deixavam de ganhar a tão esperada estrelinha no final da aula ou da semana. Neste caso, não podemos vendiar nossos olhos e esquecer o que pode estar por trás de toda esta indisciplina nas aulas.

A indisciplina na escola é pedagógica e inevitável, mesmo sem ser caminho para a realização humana ela se abre para reconstrução democrática da educação. Interesse e disciplina poderia ser a conexão educativa entre prazer e saber (FERREIRA, 2007, p.139).

Entre o Punir ou Premiar observamos que em média, 0,57 dos estagiários optaram pela premiação ao invés da punição, portanto, a maioria dos sujeitos optou por adotar o Reforço Positivo como base no seu processo educativo durante as aulas. Além disso, foi notório que os estagiários que aplicavam o reforço negativo, muitas vezes aplicavam a medida disciplinar mais de uma vez a um mesmo aluno durante as aulas. Já os que aplicaram o reforço positivo, pouco relatavam situações-conflito durante as aulas e conseguiam a atenção da maioria, senão a totalidade da turma.

Soares (2004) e Eccheli (2008) concordam que reforçar positivamente o comportamento e de forma justa, até mesmo através de um elogio é uma forma de possibilitar o desenvolvimento da auto-estima, pois apoiar e incentivar a participação do aluno nas atividades propostas é melhor que excluir ou punir quem não consegue realizá-la.

Mas não devemos deixar a parte os conflitos existentes nas aulas, e apenas lembrar os pontos positivos aos alunos. É necessário que saibamos também “aproveitar a força dos conflitos, administrando-os em democracia, de modo que produzam algo para o bem da comunidade de diferentes” (FREIRE, 2007, p. 59).

Ainda em relação aos conflitos vivenciados:

A consciência vivenciada pelos conflitos, com toda sua carga muscular e emocional movidas pela agressividade, são as grandes oportunidades para o aprendizado do autocontrole e para o ensino da negociação, como estratégia social de resolução de disputas (FERREIRA, 2007, p. 132).

Em situações de agressividade e/ou indisciplina onde exigiu do professor uma aplicação de uma medida disciplinar observou-se que uma maioria optou por aplicar punições que excluía os alunos das aulas, sejam por alguns instantes sejam pelo tempo restante da aula.

Devemos ter cuidado nas medidas disciplinares aplicadas em nossos alunos, Caminha (2007), propõe uma postura pedagógica de escuta por parte do educador, onde os alunos possam ter voz, um momento durante as aulas que eles possam falar de si mesmo. Assim, gestos violentos, situações de fracasso e de sofrimento podem ser apresentadas e discutidas em grupo.

Aquino (1998) alerta que é tarefa de todos, inclusive educadores, garantir uma escola de qualidade e para todos, disciplinados ou não, com recursos ou não, com pré requisitos ou não, com supostos problemas ou não. A inclusão dos alunos nas aulas passa a ser o dever de todo educador preocupado com o valor social de sua prática e, ao mesmo tempo, cioso de seus deveres profissionais. Diante disto devemos ter cautela com medidas disciplinares que tiram ou excluem os alunos das aulas de Educação Física.

É necessário que, nós professores, saibamos identificar situações de desinteresse dos alunos, aqueles que não prestam atenção e ainda não compreendem as atividades propostas, pois em geral é logo comparada ou associada à indisciplina. Ferreira (2007) afirma:

Associar a disciplina ao interesse é, assim, uma questão de ajuste pela educação democrática e não objeto de punição. Ajustamento ao interesse dos alunos e não castigo estaria na base da educação que conectaria disciplina e interesse (p. 135).

Algumas práticas disciplinadoras nas escolas, segundo Ferreira (2007) visam suprimir não apenas a agressividade dos alunos, mas também os mecanismos de busca do prazer que podem levar a indisciplina e assim favorecer uma melhor aprendizagem. Portanto deve haver cautela na aplicação dessas medidas disciplinares, pois à medida que aplicamos estas medidas podemos também estar diminuindo o prazer do aluno nas aulas.

Freire (2007) afirma que temos muitas tarefas educacionais, mas duas são decisivas, educar para que as pessoas aprendam a ser elas mesmas, ou seja, diferentes de todas as outras, e a outra é fazê-las aprender a ser tolerantes. Nós temos que ser tolerantes com nossos alunos, e também respeitar a individualidade dos nossos alunos. As regras de convivências adotadas devem ser tolerantes, e considerar que não podem ser alheias ou totalmente estranhas aos alunos. E assim buscar o melhor momento para construir estas Regras junto aos alunos.

Aquino (1998) afirma em seu discurso, a medida mais profícua é a seguinte: jamais iniciar um curso ou um ano letivo sem que as regras de funcionamento dessa “sala de aula/laboratório” sejam conhecidas, compartilhadas e, se possível, negociada por todos. E ainda, em cinco regras éticas do trabalho docente o autor em sua terceira regra alerta sobre a *fidelidade do contrato pedagógico*.

Em 95% dos relatórios analisados seguiram a recomendação do coordenador da disciplina e construíram o contrato pedagógico nos primeiros contatos com a turma, em que para a maioria apresentar regras que, muitas vezes implícitas, facilitam o convívio com os alunos e orientam o funcionamento da turma e das aulas. E ainda, entender que o contrato ali firmado não é só para os alunos, e sim uma troca entre professor e aluno e considerar a fidelidade ao contrato. Qualquer alteração ali deve ser feita em conjunto, para que tenhamos clareza de nossa tarefa em sala de aula e os alunos possam ter clareza do seu papel também.

Nos demais que optaram por construir essas regras de convivência durante as aulas, ficou claro que vivenciaram conflitos, situações de indisciplina e/ou violência, em que necessitaram resgatar a orientação do coordenador e construir junto aos alunos as Regras de convivência.

Em cumprimento do acordo firmado aos alunos que respeitassem as regras adotadas, os estagiários optaram por momentos distintos em aplicar o Reforço Positivo, previamente estabelecido. Observamos que uma parcela maior dos estagiários optou por Reforçar Positivamente seus alunos pouco tempo após o cumprimento do acordo. E assim puderam usufruir dos frutos da turma pós-premiação.

A criança não nasce responsável, mas aprende a se comportar responsabilmente. A forma adequada de conseguir esses resultados é criar condições para que a criança tenha o comportamento adequado, por exemplo, acompanhá-la à mesa de estudos, apresentar recompensas imediatas quando o comportamento adequado ocorrer, [...] especificar por que ela está sendo recompensada, [...] o que contribui para fortalecer comportamentos adequados (SOARES 2004, p. 257).

Entende-se que desta forma reforçar positiva e imediatamente, são ações que contribuem para motivar os alunos a terem uma conduta que facilitem o processo de ensino nas salas de aulas, e ainda fortalecer as relações entre professor e aluno.

Hubner (apud Soares 2004), afirma que não basta elogiar, o elogio ou a premiação tem que ser sincera, imediata e contextuais relacionadas as respostas da criança, pois assim aumenta a probabilidade do comportamento continuar. E ainda concordando com esse pensamento, Guimarães (2001) sugere alguns critérios para utilização do elogio:

O elogio deve ser apresentado ao aluno individualmente, de forma justa, simples parcimoniosa, criativa, coerente como desempenho, buscando salientar suas peculiaridades e promovendo informações que favorecerão a percepção de competência. Além disso, deve-se enfatizar o esforço empreendido, o capricho e a persistência nos trabalhos ou o êxito obtido em tarefas difíceis (p. 53 apud ECHELI, 2008, p. 203).

Mais uma vez percebe-se a necessidade da criança em ser notada e elogiada de alguma forma. Qualquer criança precisa de palavras de afirmação ou encorajamento por seu despenho nas atividades, sendo feito isso de forma individual. De forma que segundo Freire (2007), João aprenda a ser João. Onde a criança entenda que pensar diferente, agir de maneiras diversas, usar roupas que não se assemelhem é o modo dela se expressar, sem ser rotulada de indisciplinada.

É necessário que nesta discussão fique claro que uma criança disciplinada, ou uma turma disciplinada não é aquela que age igual ao outro. A Metodologia dos Combinados sugere “uma pedagogia que ensine o exercício do conviver com as diferenças” (Freire, 2007, p. 60), para que assim o processo de ensino seja facilitado.

## 6 CONCLUSÃO

Retomando os objetivos desta análise, podemos concluir que:

Dentre os Combinados aplicados pelos estagiários do ano de 2009, houve uma grande variedade de modelos de Combinados com detalhes que individualizam cada Combinado aplicado. Mas também houve casos em que foi impossível descrever como as Regras de Convivência tinham sido construídas, desenvolvidas e aplicadas nas turmas. Aos que foram possíveis descrever a maioria optou por um sistema de reforço positivo, materializando e afixando seu acordo com a turma. No processo de construção seguiram a orientação do coordenador da disciplina e construíram as Regras nos primeiros contatos com a turma. Ainda aos que recompensaram os alunos pela boa conduta nas aulas preferiram recompensar as turmas logo ao final das aulas, e aos que optaram pela aplicação da indisciplina puniram seus alunos de forma imediata a ação negativa, com a sanção do aluno se retirar da momentaneamente ou definitivamente.

Quando nos referirmos as estratégias de melhores resultados, podemos entender que as crianças de hoje estão carentes de carinho, afeto e atenção, quando recompensadas pelas suas ações elas se sentem mais motivadas e amadas pelo professor e sentem a vontade de retribuir a recompensa recebida pelo seu comportamento. Materializar e afixar o Acordo são grandes estratégias, pois fica na memória e na presença do aluno a lembrança que o Combinado está valendo, mas vale a pena ressaltar que o professor não pode se esquecer de lembrar periodicamente o Acordo firmado com a turma. Muitos alunos foram recompensados no final da aula ou no final da semana, esse foi um grande passo dos estagiários, pois conseguiram colher os frutos dos seus combinados.

Alguns alunos mudaram as estratégias utilizadas no decorrer do estágio e em todos os casos o sucesso através da metodologia aplicada foi alcançado. Uns mudaram de reforço negativo para o positivo, outros resolveram materializar os combinados depois de certo tempo de aula porque os alunos não respeitavam mais o acordo e ainda houve caso em que resolveram construir os combinados numa situação pouco confortante.

Desta forma, concluímos de maneira clara e direta que a Metodologia dos combinados é uma grande aliada na superação da indisciplina escolar, mas deve ser aplicada de forma motivante para os alunos, que os cativem a cumprir os Combinados de forma responsável sem ser repressora.

## 7 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J. G.. **A indisciplina e a escola atual**. Educação e Pesquisa (USP), São Paulo, v. 24, n. 2, p. 181-204, 1998. Disponível em <<http://www.scielo.br/>> Acesso em 31/08/2010 às 09:38.

BETTELHEIM, B. **Uma vida para seu filho: Pais bons o bastante**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

CAMINHA, I. O. Desejo e lei: a escola como espaço de convivência. In: GOMES-DA-SILVA, P. N.; CAMINHA, I. O. (Org.). **Aprender a conviver: um enigma para a educação**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007. v. único, p.121-140.

DIAS, E. M. C. Liderança escolar: a convivência entremeada pelo poder. In: GOMES-DA-SILVA, P. N.; CAMINHA, I. O. (Org.). **Aprender a conviver: um enigma para a educação**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007. v. único, p. 87- 98.

ECCHELI, S. D. **A motivação como prevenção da indisciplina**. Educar. nº32. Curitiba. p. 199- 213; 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/>> Acesso em 23/11/2010 às 14:56.

FERREIRA, A. L. . A escola é violenta. Os estudantes são agressivos. A indisciplina é inevitável e pedagógica. In: GOMES-DA-SILVA, P. N.; CAMINHA, I. O. (Org.). **Aprender a conviver: um enigma para a educação**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007. v. único, p.165-179.

FRANCISCHINI, R; SOUZA NETO, M. O. **Enfrentamento a violência contra crianças e adolescentes**: projeto escola que protege. Rev Dep Psicol. 2007; 19(1): 243-51. Disponível em <<http://www.scielo.br/>> Acesso em 20/08/2010 às 10:03.

FREIRE, J. B. Conviver e aprender. In: GOMES-DA-SILVA, P. N.; CAMINHA, I. O. (Org.). **Aprender a conviver: um enigma para a educação**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007. v. único, p.49-64.

GOMES-DA-SILVA, P. N. Prática de ensino em educação física: por uma formação do professor-pesquisador. In: Jorge Fernando Hermida. (Org.). **Educação Física: conhecimento e saber escolar**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008, v. único, p. 103-128.

\_\_\_\_\_. A brincadeira de dar susto e o jogo da convivência. In: GOMES-DA-SILVA, P. N.; CAMINHA, I. O. (Org.). **Aprender a conviver: um enigma para a educação**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007. v. único, p.65-86.

GONZAGA, K. R. V. **Formação para gestão pedagógica da indisciplina discentes a partir do trabalho em equipe na escola: Estudo de caso**. 58f Dissertação (mestrado em Educação) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2010.

ITANI, A. **A violência no imaginário dos agentes educativos**. Caderno Cedes, ano XIX, nº 47, dezembro/98, p. 36-50. Disponível em <<http://www.scielo.br/>> Acesso em 20/08/2010 às 10:27.

LILLA, M. **Psicologia Geral**. Unisa Digital. São Paulo, 2009, p.76.

MELO, E. M. et al. **A violência rompendo interações. As interações superando a violência**. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, 7, 2007, p. 89-98. Disponível em <<http://www.scielo.br/>> Acesso em 20/08/2010 às 09:34.

SOARES, L. E. O Futuro como passado e o passado como futuro: armadilhas do pensamento cínico e política da esperança. In: MENDES, M. I.; EUGENIO, F. (Orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 121-135.

SOMMER, L. H. **A ordem do discurso escolar**. In: Revista Brasileira de Educação. Campinas : Editora Autores Associados, v. 12, n. 34, p. 57-67, 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/>> Acesso em 31/08/2010 às 09:56.

SOUZA, M. A.; CASTRO, R. E. F.. **Agressividade infantil no ambiente escolar: concepções e atitudes do professor**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 4, dez. 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/>> Acesso em 27/08/2010 às 20:14.

ROYER, E. **Conduitas agressivas na escola: pesquisas, práticas exemplares e formação de professores.** Em UNESCO (org.), Desafios e alternativas: violência nas escolas, Brasília: Unesco, 2003.

RUOTTI, C. **Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade.** Educação e Pesquisa (USP. Impresso), v. 36, p. 339-355, 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/>> Acesso em 24/08/2010 às 23:55.